

## **Ciência e psicanálise: uma ruptura epistêmica?**

### **Science and psychoanalysis: an epistemic break?**

MARIANA MAROCA DE CASTRO

#### **RESUMO:**

O diálogo entre psicanálise, epistemologia e ciência pode encontrar fortes resistências no meio psicanalítico. Por vezes, seu interesse chega a ser radicalmente rechaçado sob o argumento de que, para a psicanálise, não há metalinguagem. Mas, quais oportunidades são deixadas para a teoria psicanalítica diante da reivindicação a uma absoluta originalidade epistêmica e ruptura com os campos do saber científico? E quais os riscos? Esse trabalho pretende discutir essas questões, partindo da consideração de que defender a especificidade epistêmica da psicanálise com base em uma pretensa ruptura epistêmica em relação à ciência significa, implicitamente, considerar fixos os limites desta última, o que não é possível.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicanálise – ciência – ruptura epistêmica – fundamento – fundacionismo – interdisciplinaridade.

#### **ABSTRACT:**

The dialogue between psychoanalysis, epistemology, and science may encounter strong resistance within the psychoanalytic community. At times, its interest is radically rejected on the grounds that, for psychoanalysis, there is no metalanguage. But what opportunities are left for psychoanalytic theory in light of the claim to an absolute epistemic originality and a break with the fields of scientific knowledge? And what are the risks? This paper aims to discuss these issues, based on the consideration that defending the epistemic specificity of psychoanalysis through a supposed epistemic rupture with science implicitly means considering the limits of the latter as fixed, which is not possible.

**KEYWORDS:** psychoanalysis – science – epistemic break – foundation – foundationalism – interdisciplinarity.

A questão que dirige esse trabalho se insere num contexto maior, o da minha pesquisa de doutorado, atualmente em andamento. Embora reconheça a relevância teórica e política do tema da cientificidade da psicanálise, a verdade é que cheguei a ele de maneira indireta. Essa questão nasceu de uma anterior, que, por sua vez, veio de uma outra, e, esta outra de outra ainda, como geralmente acontece em qualquer pesquisa, especialmente quando estamos atrás dos **fundamentos**, sendo esse, de fato, o meu ponto de partida.

Assim, foi ao me perguntar pelos **fundamentos da prática psicanalítica** que colidi com a afirmação categórica de uma ruptura entre psicanálise e ciência. Por isso, agora pergunto: em que se apoia o argumento de uma **ruptura epistêmica** da psicanálise em relação à ciência? Em que

consiste essa ruptura? No diálogo interdisciplinar, não parece suficiente recorrer à singularidade do saber psicanalítico como resposta a essas perguntas.

Para movimentar uma pequena discussão sobre o tema, me propus a trabalhar prioritariamente com apenas dois textos. O primeiro deles, “A ciência e a verdade”, é velho conhecido entre psicanalistas e dispensa apresentações. Sendo um texto já tantas vezes trabalhado, minha proposta é retomar pontualmente algumas passagens. Recorro a ele porque, até onde acompanho, a pretensão da comunidade psicanalítica de uma ruptura entre psicanálise e ciência se apoia, em parte, nos argumentos esboçados por Lacan no texto em questão. Primordialmente, na ideia de que a ciência rejeita o sujeito e de que a psicanálise se ocupa precisamente de uma verdade que fica excluída do seu campo. Que verdade seria essa? Ao buscar o **conhecimento verdadeiro e justificado**, a ciência deixaria de fora justamente:

[...] tudo o que há por dizer da verdade, da única, ou seja, que não existe metalinguagem (afirmação feita para situar todo lógico-positivismo), que nenhuma linguagem pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, uma vez que a verdade se funda pelo fato de que fala, e não dispõe de outro meio para fazê-lo.<sup>1</sup>

Ou seja, não há verdade fora da linguagem. O argumento de Lacan, explicitamente endereçado ao empirismo lógico, terminou servindo de base para um afastamento da psicanálise também em relação à epistemologia, na medida em que, sob determinada concepção – aquela fundacionista, como veremos adiante –, esta última teria a função de justificar a verdade de um dado saber, como sustenta o psicanalista francês Allouch no trecho a seguir:

[...] Podemos, acaso, a propósito da psicanálise, continuar com a ideia segundo a qual a cada uma das disciplinas socialmente reconhecidas corresponde um conjunto definido de perguntas relacionadas ao status de seu saber? Essas perguntas, consideradas em um conjunto, formariam a epistemologia, outra disciplina, mas com um status diferente das demais, pois escolheu como objeto próprio o saber tal como o produzem [...] cada uma das outras disciplinas [...] No que diz respeito à psicanálise, e especialmente porque Lacan rejeitou a noção de metalinguagem, é claro que uma reconsideração semelhante do saber que ela produz não é algo óbvio.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p. 882.

<sup>2</sup> Allouch, J. (1993). *Freud, y después Lacan*. Editorial Edelp. p. 12. (Tradução nossa).

Porém, se concordássemos com Allouch, acaso não seria paradoxal ou ao menos irônico o que Lacan dá por descontado algumas linhas depois, convocando um saber para ler o outro: “Será preciso dizer que temos de conhecer outros saberes que não o da ciência, quando temos que tratar da pulsão epistemológica?”<sup>3</sup> esta última aqui entendida como a busca por um fundamento para o saber. Pergunto: será mesmo que o diálogo com a epistemologia e seus princípios implica em uma busca por garantias ou pelo verdadeiro atrás do verdadeiro? Ou se trataria, antes, de uma posição aberta e disposta a interrogar os pressupostos – lógicos, ontológicos, ideológicos – e preconceitos escondidos na base de nossas concepções?

Para uma posição desconfiada em relação à epistemologia, certamente contribuíram os comentários de Lacan no mesmo texto. Segundo ele, o nascimento de uma dada ciência e a constituição de um objeto que lhe seja própria dependem de uma **redução**, operação que consiste em isolar um dado objeto de toda uma série de elementos a ele estranhos. Mas será que é possível isolar tal objeto e, portanto, conhecê-lo de modo absoluto, ou seja, separado? Para Lacan, cabe à epistemologia estabelecer isso em cada caso, tendo ela falhado em explicar plenamente e por esse meio “a mutação decisiva que, por intermédio da física, fundou a ciência no sentido moderno, sentido que se postula como absoluto.”<sup>4</sup>

Em outras palavras, as revoluções que fizeram a ciência nascer e se desenvolver como um corpo único desconfirmam elas mesmas a posição absolutista que a ciência da época se atribuía. A falha do método da epistemologia terminaria revelando que “[...] há alguma coisa no status do objeto da ciência que não nos parece ter sido elucidada desde que a ciência nasceu”.<sup>5</sup> Um raciocínio que, convenhamos, abre as portas para a ideia de que algo fica de fora do campo da ciência.

Trocando em miúdos, Lacan parece estar criticando não tanto a ciência nem sua aspiração ao conhecimento, mas uma dada epistemologia: aquela que apela ao método de redução e isolamento dos objetos, com sua atitude absolutista e, portanto, fechada, fundacionalista e reducionista, característicos da postura neopositivista diante do conhecimento científico. A psicanálise lacaniana rompe com a epistemologia neopositivista, e não com a ciência.

A visão neopositivista de ciência buscava definir o que é ciência e o que não é de maneira exclusiva, absoluta e então a-contextual, isto é, sem levar em consideração discriminantes históricos, sociais e culturais. De fato, as mudanças que a ciência sofreu desde o século XVII contrariam a ideia ingênua de que ela seja a-histórica, o que já foi gradativamente colocado em xeque, desde Kuhn. Mas será que a postura epistêmica do neopositivismo é a postura predominante na discussão epistemológica atual? Colocar-se essa pergunta parece relevante.

<sup>3</sup> Lacan, J. (1998). Op.cit. p. 883.

<sup>4</sup> Ibidem. p. 869.

<sup>5</sup> Ibidem. p. 877.

Nesse contexto, vale a pena lembrar que a discussão sobre a continuidade ou descontinuidade entre psicanálise e ciência se insere num debate mais amplo: aquele sobre a natureza do conhecimento científico. Raramente se menciona o fato histórico de que a polêmica entre Psicanálise e Ciência – que inclusive entrou em efervescência recentemente no contexto brasileiro – pode ser localizada num quadro de debate mais amplo que atravessou o século XX: aquele da guerra entre duas culturas. O período em questão foi caracterizado pela discussão de dois grupos de autores sobre uma maneira de compreender a ciência: de um lado os cientistas da natureza ou “objetivistas” e de outro os analistas da ciência ou autores das ciências humanas. Tudo isso culminou na série de polêmicas que ficaram conhecidas como *Science Wars* ou Guerra das ciências, que eclodiram na década de 90 e trouxeram à tona temáticas que remontam pelo menos à Grécia antiga: as questões relativas à verdade, à natureza da realidade, à objetividade e neutralidade.

Argumentar a favor de uma ruptura epistêmica radical, como aquela comumente expressada, que opõe de forma absoluta e negativa, aliás exclusiva, a psicanálise em relação à ciência, é esquecer a íntima “vocação de ciência da psicanálise”<sup>6</sup> sustentada pelo mesmo Lacan e alimentada pelo princípio de “que um único sujeito é aceito nela como tal, aquele que pode constituí-la científica”.<sup>7</sup>

Além disso, o afastamento da psicanálise em relação às disciplinas científicas e a desconsideração de pressupostos lógicos, metodológicos e epistemológicos teve consequências complicadas para o nosso campo: contribuiu em muito para uma leitura alienada da teoria, por vezes até contraditória, que avançou sem levar em consideração suas condições históricas, seus fundamentos e os paradigmas que estavam em jogo em cada momento de sua elaboração. Essa mesma atitude transformou Freud e Lacan em “gênios”, que teriam elaborado suas teorias com base numa intuição e não em processos racionais. De todo modo, sem ter clareza sobre os encaminhamentos na epistemologia atual, e se a ruptura da psicanálise é restrita à atitude neopositivista, parece difícil poder realinhar a psicanálise com os debates contemporâneos.

Isso nos encaminha para o segundo texto que pretendo trazer, esse menos conhecido entre nós. Trata-se da primeira parte do livro *Perché ancora la filosofia* (Por que ainda a filosofia),<sup>8</sup> escrito por Carlo Cellucci. Filósofo italiano e professor emérito da Universidade dos Estudos de Roma, o autor se ocupa sobretudo de filosofia da lógica e da matemática, de epistemologia e metafilosofia. A escolha por um autor de epistemologia contemporâneo dá o tom da proposta deste trabalho: sustentar que os desenvolvimentos na área nos interessam, que o campo da ciência não é estático e que, por essa razão, uma ruptura entre psicanálise e ciência não deve ser considerada normativa.

<sup>6</sup> Ibidem. p. 870.

<sup>7</sup> Ibidem. p. 873.

<sup>8</sup> Cellucci, C. (2008). *Perché ancora la filosofia*. Roma: Carocci.

Como o título do livro anuncia, o autor busca discutir se faz sentido fazer filosofia nos dias de hoje, se ela ainda é frutífera ou se se tornou um ornamento. A pergunta tornou-se necessária na medida em que, com o surgimento da ciência moderna, esta última invadiu os campos tradicionalmente ocupados pela filosofia, questionando o seu papel e tornando sua re-legitimação necessária. Sublinho este aspecto interessante: com Lacan, afirmamos que o nascimento da psicanálise depende do advento da ciência moderna no século XVII; já o cenário vivido pela filosofia, segundo Cellucci, é precisamente o contrário – com o surgimento da ciência, ela perde território. Isso serve de indício de como uma separação rigidamente pré-definida entre os saberes pode ser problemática.

Segundo Cellucci,<sup>9</sup> diante do golpe que o advento da ciência representou para a filosofia, os filósofos responderam de formas variadas: há quem tenha sustentado que a filosofia “não há mais nada sobre o que falar e portanto deve se calar” (Wittgenstein); quem tenha dito que a ciência é miserável e mira apenas à exatidão enquanto a filosofia permite entrar em territórios nos quais é possível tornar visível aquilo que não se pode demonstrar (Heidegger); existem aqueles que apostaram numa refundação da filosofia para que ela pudesse adquirir seu autêntico caráter de ciência (Husserl); e, ainda, os que proclamaram o abandono da ideia de ciência enquanto atividade paradigmática de descrição da realidade, professando sua equivalência em relação a outros tantos saberes, os quais devem ser avaliados pela capacidade que têm de alcançar seus objetivos (Rorty).

Bastaria substituir “filosofia” por “psicanálise” e teríamos um bom quadro das diferentes posições que vêm à tona quando abordamos a relação entre psicanálise e ciência: aqueles para quem a psicanálise não passa de uma pseudociência e está fadada a morrer, aqueles para quem a psicanálise é a guardiã de uma verdade indemonstrável que não se reduz ao saber racional, aqueles que apostam no diálogo com as neurociências para comprovar empiricamente a validade dos conceitos psicanalíticos e, por fim, os que querem confinar a psicanálise ao seu território original: a prática clínica. Mais que nada, essa aproximação um pouco irreverente entre os filósofos e os psicanalistas me interessa na medida em que contribui a nos fazer notar que nosso campo, com suas mazelas e deleites, não é tão único e singular como pretendemos.

A posição de Cellucci acerca da legitimidade da filosofia e sua relação com a ciência diverge de todas as elencadas acima e da maioria dos filósofos da tradição analítica. Tal divergência se apoia em outra ainda mais fundamental: no afastamento da **concepção justificacionista/fundacionista**, típica do neopositivismo.

---

<sup>9</sup> Ibidem. pp. 4-7.

## Justificacionismo *versus* Heurística

Segundo Cellucci, a **concepção justificacionista** é caracterizada por justificar um conhecimento dando-lhe **um fundamento**. Dele se poderia **deduzir** todos os demais conhecimentos de um determinado campo.

Nessa concepção, a estrutura do conhecimento fica bem ilustrada pela metáfora arquitetônica: o conhecimento corresponde a um edifício cuja fundação seriam os conhecimentos absolutamente sólidos, de justificação indubitável – talvez imediata no sentido de ser intuitiva e perceptiva – sem os quais o edifício desmoronaria.

É fácil ver como essa concepção é própria do empirismo lógico. De um lado precisa justificar a verdade dos axiomas, os conhecimentos primitivos, para garantir que sejam indubitáveis. O apelo à metalinguagem serve para isso. De outro lado, as teses verificacionistas, para amarrar os outros conhecimentos – os teoremas – à experiência, sendo essa certamente uma base indubitável. Uma concepção desse tipo se apoia no método axiomático e na dedução.

Mas será que existem conhecimentos indubitáveis? Infelizmente, todas as tentativas de justificar os nossos conhecimentos de forma absolutamente indubitável faliram. Não apenas por causa da crítica de Popper ao verificacionismo, mas principalmente por causa dos Teoremas de Gödel, que constituem uma razão de princípio para o falimento da tese metalinguística. Inclusive os esforços empreendidos por Russell em provar que os conhecimentos da matemática eram dedutíveis de um número pequeno de princípios lógicos fundamentais foram sem sucesso.

Essas são razões que certamente suportam a necessidade de uma ruptura epistêmica. Contentar-se com isso, porém, não parece satisfatório. Pelo menos para aqueles estudiosos que, como Lakatos, Polya, e Cellucci, propuseram caminhos genuinamente alternativos.

Sem que entremos excessivamente nos detalhes, Cellucci propõe uma alternativa à concepção fundacionista: a **concepção heurística**. Mas qual seria a hipótese distintiva que caracteriza a posição heurística? De forma geral, ela pode ser resumida nos seguintes termos: a partir do reconhecimento de que o alcance da verdade é nada mais que uma quimera, o critério para decidir o que é ou não conhecimento é a própria plausibilidade. As vantagens do ser plausível, a respeito do ser verdadeiro são inúmeras. Ainda que esse critério seja mais fraco, ele é genuinamente **interativo, aberto e falível**.

Uma conjectura adquire o estatuto de conhecimento – vira uma hipótese – quando ela é a mais plausível entre outras disponíveis para resolver ou explicar um problema de natureza teórica ou prática, ou seja, sempre em relação aos dados presentes e aos conhecimentos anteriores. Porém, ainda mais importante é o papel ativo que os outros conhecimentos, os outros campos do saber e,

então, as outras disciplinas têm em contribuir na determinação do grau de plausibilidade. Por proximidade ou estrutura, outros conhecimentos que ficam no *background* podem ser utilizados para avaliar e formular hipóteses novas, por exemplo, por analogia. Ou seja, o sistema do conhecimento é um **sistema aberto**.

Por isso mesmo, a metáfora arquitetônica é inadequada para abordar o conhecimento, pois:

Antes de mais nada, diferentemente de um edifício, o conhecimento não vem construído com base em uma fundação dada desde o início, e sim a fundação é elaborada pouco a pouco, à medida que os conhecimentos são adquiridos. Em segundo lugar, a aquisição de conhecimento não consiste na construção de novos andares do edifício, já que cada passo pode requerer reestruturações dos andares já construídos ou até mesmo sua demolição, ou seja, mudanças nos conhecimentos já adquiridos ou mesmo seu abandono. Além disso, a aquisição de novos conhecimentos pode requerer que sejam estabelecidas relações entre edifícios, isto é, entre sistemas de conhecimento, que até aquele momento eram considerados privados de relações.<sup>10</sup>

Em poucas palavras e indo direto ao ponto: aquilo que entre nós, psicanalistas, serve de argumento para marcar uma ruptura, uma oposição com o pensamento científico, isto é, a falta de garantias para a verdade, é exatamente o que, para outros, como Cellucci, garante uma continuidade e um mútuo apoio entre as várias disciplinas.

Antes de concluir, proponho considerar, à luz da concepção heurística, o que faz o próprio Lacan ao buscar construir uma teoria psicanalítica o mais possível adequada a dar conta do que acontece na prática. Ele recorre à linguística de Saussure, à topologia, entre outras teorias fora do campo psicanalítico, precisamente porque a psicanálise sozinha não pode dar conta de tudo. Eram as teorias mais plausíveis para Lacan, na medida também em que contrastavam os critérios neopositivistas. Mas, por exemplo, a teoria de Saussure não é mais considerada plausível pela linguística. Por que não avançar procurando uma teoria linguística mais adequada? Nessa perspectiva, mesmo os axiomas podem ser mudados, já que não têm um valor intrínseco como, afinal, Gödel demonstrou. Aliás, essa é a importância dos seus teoremas: nenhuma teoria tem valor intrínseco nem pode fundar a própria verdade.

---

<sup>10</sup> Ibidem. p. 45. (Tradução nossa)

## Considerações finais

Concluo retomando o estado atual da minha pesquisa. Por um lado, me interroguei em que consiste a ruptura epistêmica comumente professada pela comunidade psicanalítica e apoiada nos argumentos de Lacan em “A ciência e a verdade”. Um texto em que Lacan pretende romper com os ideais característicos da epistemologia neopositivista: com a ideia de uma verdade e certeza indubitável e com o método da redução – portanto, com a ideia mesma de objetividade.

Por outro lado, encontrei conceitos epistemológicos alternativos. O exemplo da epistemologia proposta por Cellucci me pareceu particularmente interessante, na medida em que parte de críticas ao neopositivismo análogas às de Lacan. Ela poderia se revelar útil para o nosso campo? Certamente é difícil dar uma resposta assertiva por ora, no nível atual desta análise. De todo modo, me parece claro que, ao **questionar o fundacionismo**, Cellucci não abre mão da epistemologia, mas apenas de uma. Então, me pergunto se, tratando-se da psicanálise, uma ruptura absoluta é necessária. A proposta de Cellucci abre caminho para uma visão mais aberta, interativa e flexível, em que diferentes saberes e disciplinas podem se complementar.

Enfim, como argumentar de antemão a favor de uma ruptura se, palavras de Lacan: “pela posição da psicanálise, dentro ou fora da ciência, indicamos também que essa questão não pode ser resolvida sem que, sem dúvida, modifique-se nela a **questão do objeto na ciência como tal**”?<sup>11</sup> O risco de uma ruptura absoluta com o saber científico é mais alto do que parece. Individuar com qual episteme a psicanálise rompe é preciso, porque, quando não o fazemos, somos nós que, à maneira neopositivista, adotamos uma concepção absolutista da ciência, desconsiderando seu movimento e suas transformações.

---

<sup>11</sup> Lacan, J. (1998). Op. cit. p. 877.

## BIBLIOGRAFIA:

1. Allouch, J. (1993). *Freud, e depois Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
2. Cellucci, C. (2008). *Perché ancora la filosofia*. Roma: Carocci.
3. Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

**MARIANA MAROCA DE CASTRO**

Psicanalista. Doutoranda em Linguística (UNICAMP). Membro do centro de pesquisa OUTRARTE e Sócia da Apertura Para Otro Lacan (APOLa) Buenos Aires.

E-mail: marocadecastrom@gmail.com